

quanto Helvidia cumprimentava de longe o liberto, com um leve aceno de cabeça, ativa, Célia aproximou-se do alforriado, que tinha os olhos húmidos de lágrimas e estendeu-lhe a mão aristocrática e delicada, numa saudação sincera e carinhosa. Seus olhos encontraram o olhar do ex-escravo, numa onda de afeto e atração indefiníveis. O liberto, visivelmente emocionado, inclinou-se e beijou reverentemente a mão generosa que a jóven patícia lhe oferecia.

A cena comovedora perdurava por momentos, quando, com surpresa geral, Nestório levantou-se do recanto em que se achava e, caminhando até o centro da sala, ajoelhou-se ante os seus benfeitores, osculando humildemente os pés de Alba Lucínia.

II

UM ANJO E UM FILÓSOFO

O palácio residencial do prefeito Lóllio Urbico demorava numa das mais belas eminências da colina em que se erguia o Capitólio.

A fortuna do seu dono era das mais opulentas da cidade, e a sua situação política era das mais invejáveis, pelo prestígio e respectivos privilégios.

Embora descendente de antigas famílias do patriado, não recebera vultosa herança dos avoengos mais ilustres e todavia, bem cedo o Imperador tomara-o a seu cuidado.

Dele fizera, a princípio, um tribuno militar cheio de esperanças e perspectivas promissoras, para promovê-lo em seguida aos postos mais eminentes. Transformara-o, depois, no homem de sua inteira confiança. Fez-lhe doações valiosas em propriedades e títulos de nobreza, espantando-se, porém, a aristocracia da cidade, quando Adriano lhe recomendou o casamento com Cláudia Sabina, plebéia de talento invulgar e de rara beleza física, que conseguira, com o seu favoritismo, as mais elevadas graças da Côrte.

Lóllio Urbico não vacilou em obedecer á vontade do seu protetor e maior amigo.

Casara-se, displicentemente, como se no matrimonio devesse encontrar uma salva-guarda total de todos os seus interêsses particulares, prosseguindo, todavia, em sua vida de aventuras alegres, nas diversas campanhas de sua autoridade militar, fôsse na capital do Império ou nas cidades de suas províncias numerosas.

Por outro lado, a espôsa agora prestigiada pelo seu nome, conseguia no seio da nobreza romana um dos lugares de maior evidência. Pouco inclinada ás preocupações da matrona, não tolerava ambiente doméstico, entregando-se aos desvarios da vida mundana, ora seguindo o plano delineado pelos amigos, ora organizando festivais célebres, afamados pela visão artística e pela discreta licenciosidade que os caracterizava.

A sociedade romana, em marcha franca para a decadencia dos antigos costumes familiares, adorava-lhe as maneiras livres, enquanto o espírito discreto do Imperador e a volúpia dos áulicos se regosijavam com os seus empreendimentos, no turbilhão das iniciativas alegres, nos ambientes sociais mais elevados.

Cláudia Sabina conseguira um dos postos mais avançados nas rodas elegantes e frivolas. Sabendo transformar a intelligencia em arma perigosa, valia-se da sua posição para aumentar, cada vez mais, o próprio prestígio, elevando ás culminâncias do meio em que vivia, criaturas de nobreza improvisada, para satisfazer facilmente os seus caprichos. Assim que, em tórno de seus preciosos dotes de beleza física, borboleteavam todas as atenções e todos os desvelos .

.....

Entardece...

No elegante palácio proximo do templo de Júpiter Capitolino, paira um ambiente pesado de solidão e quietude.

Recostada num divã do terraço, vamos encontrar Cláudia Sabina em palestra reservada com uma mulher do povo, em atitudes de grande intimidade.

— Hatéria, dizia ela, interessada e discretamente — mandei chamar-te afim de aproveitar a tua velha dedicação numa incumbencia.

— Ordenai, respondia a mulher de aspecto humilde, com o artificialismo de suas maneiras singelas. — Estou sempre pronta a cumprir as vossas ordens, sejam quais forem.

— Estarias disposta a servir-me cégamente, em outra casa?

— Sem dúvida.

— Pois bem, eu não tenho vivido senão para vingar-me de terríveis humilhações do passado.

— Senhora, lembro-me das vossas amarguras, no seio da plebe.

— Ainda bem que conheceste os meus sofrimentos. Escuta, — continuava Cláudia Sabina baixando a voz intencionalmente — sabes quem são os Lucius, em Roma?

— Quem não conhece o velho Cneio, senhora? Antes de me falardes de vossas mágoas, devo esclarecer que sei também dos vossos desgostos, devidos á ingratição do filho.

— Então, nada mais preciso dizer-te a respeito do que me compete fazer agora. Talvez ignores que Helvidio Lucius e sua família chegarão á esta cidade dentro de poucos dias, de regresso do Oriente. Tenciono colocar-te no serviço de sua mulher, a-fim-de poderes auxiliar a execução integral dos meus planos.

— Ordenai e obedecerei cégamente.

— Conheces Túlia Cevina?

— A mulher do tribuno Máximo Cuntactor?

— Ela mesma. Ao que fui informada, Túlia Cevina foi encarregada, por sua antiga companheira de infancia, de arranjar duas ou três servas de inteira confiança e habilitadas a satisfazer os imperativos da actualidade romana. Assim, importa que te apresentes, quanto antes, como candidata a êsse cargo.

— Como? Achais provavel que a espôsa do tribuno venha a aceitar o meu simples oferecimento, sem referência que me recomende ao seu critério?

— Precisamos muita ponderação neste sentido. Túllia jamais deverá saber que és pessoa da minha intimidade. Poderias apresentar referências especiais de Crisotémis ou de Musónia, minhas amigas mais íntimas; todavia, essa medida não ficaria bem, igualmente. Suscitaria, talvez, qualquer suspeita, quando eu tivesse mais necessidade de tua intervenção ou de teus serviços.

— Que fazemos, então?

— Antes de tudo, é necessário te capacites da utilidade dos teus próprios recursos, em benefício dos nossos projetos. A aquisição de uma serva humilde é coisa preciosa e rara. Apresenta-te á Túllia com a mais absoluta singeleza. Fala-lhe das tuas necessidades, explica-lhe os teus bons desejos. Tenho quasi certeza de que bastará isso para vencermos nossos primeiros passos. Em seguida, conforme espero, serás admitida ao ambiente doméstico de Alba Lucínia, a usurpadora da minha ventura. Servi-la-ás com humildade, submissão e devotamento, até conquistar-lhe confiança absoluta. Não precisarás procurar-me a miude para não despertar suspeitas em tôrno de nossas combinações. Virás á esta casa um dia em cada mês, afim de estabelecermos os acordos necessários. A princípio, estudarás o ambiente e me científicarás de todas as novidades e descobertas da vida íntima do casal. Mais tarde, então, veremos a natureza dos serviços a executar.

Posso contar com a tua dedicação e com o teu silêncio?

— Estou inteiramente ás ordens e cumprirei as vossas determinações com absoluta fidelidade.

— Confio nos teus esforços.

E, assim dizendo, Cláudia Sabina entregou á comparsa algumas centenas de sestércios, em penhor de mútuos compromissos.

Hatéria guardou o preço da primeira combinação, ávidamente, lançando um olhar cúpido á bolsa e exclamando atenciosa:

— Podeis estar certa de que serei vigilante, humilde e discreta.

Caíam as sombras da noite sôbre os Montes Alba-

nos, mas a emissária de Cláudia procurou Túllia Cevina, daí a algumas horas, para os fins conhecidos.

A espôsa do tribuno Máximo Cuntactor, patrícia de coração bondoso e afável, recebeu aquela mulher do povo, com generosidade e doçura. As solicitações insistentes de Hatéria confundiam-na. Havia comentado o pedido de sua amiga Alba Lucínia num círculo reduzi-dissimo de amizades mais íntimas; entretanto, aquela serva desconhecida não lhe trazia recomendação alguma dos amigos com quem se entendera a respeito. Atribuiu, porém, o fato á tagarelice de alguma escrava que houvesse conhecido o assunto, indiretamente, através de qualquer palestra despreocupada.

A humildade e singeleza de Hatéria pareceram-lhe adoráveis. Suas maneiras revelavam extraordinária capacidade de submissão, desvelada e carinhosa.

Túllia Cevina aceitou-a e, apiedada da sua situação, recolheu-a naquela mesma noite, acomodando-a entre as suas fâmulas.

Daí a dias, a Porta de Óstia apresentava singular movimento. Luxuosas viaturas encaminhavam-se para o porto, onde a galera dos nossos conhecidos já havia ancorado.

Nas edificações da praia ensolarada, estalavam os ditos alegres e carinhosos. Uma chusma de amigos e de representações sociais e políticas vinha receber Helvídio e Caio, num diluvio de abraços carinhosos.

Lóllio Urbico e a espôsa chegavam, igualmente, ao lado de Fábio Cornélio e sua mulher Júlia Spinther, velha patrícia, conhecida por suas tradições de orgulhosa sinceridade. Túllia Cevina e Máximo Cuntactor lá se encontravam, também, ansiosos pelo amplexo fraternal dos amigos que, por largos anos, se haviam ausentado. Numerosos parentes e afeiçoados disputavam, entre si, o instante de estreitar nos braços amigos os queridos recenhegados, mas, dentre toda a multidão, destacava-se o vulto venerando de Cneio Lucius, auréolado pelos cabelos brancos, que as penosas experiências da vida haviam santificado. Uma atmosfera de amor e veneração fazia-se em torno da sua personalidade vibrar

te de cultura e generosidade, que setenta e cinco anos de lutas não conseguiram empanar. A sociedade romana havia seguido o curso de todos os seus passos, conhecendo, de longe, as suas tradições de nobreza e lealdade e respeitando nela um dos mais sagrados expoentes da educação antiga, cheia da beleza de Roma, em seus princípios mais austeros e mais simples.

Cneio Lucius soubera desprezar todas as posições de domínio, compreendendo que o espírito do militarismo operava a decadencia do Império, esquivando-se a todas as situações materiais de evidencia, de modo a conservar o ascendente espiritual que lhe competia. No acervo dos seus serviços á coletividade, contavam-se as providências desenvolvidas pelo governo imperial a favor dos escravos que ensinavam as primeiras letras aos filhos de seus senhores, além de muitas outras obras de benemerencia social, a pról dos mais pobres e dos mais humildes, a quem a sorte não favorecera. Seu nome era respeitado, não sómente nos círculos aristocráticos do Palatino, mas também na Suburra, onde se acotovelavam as famílias anónimas e desventuradas.

Naquela manhã, o rosto do velho patrício deixava entrever o júbilo sereno que lhe palpitava na alma.

Estreitou os filhos longamente de encontro ao coração, chorando de alegria ao abraçá-los; osculou as netas com paternal contentamento, mas, enquanto as mais festivas saudações eram trocadas entre todos, no turbilhão de expressivas demonstrações de afeto e carinho, Cneio Lucius notou que Lóllio Urbico contemplava, com insistência, o perfil de sua nora, enquanto Cláudia Sabina fingindo absoluto olvido do passado, concentrava a sua atenção em Helvidio, em furtivos olhares que lhe diziam tudo á experiência do coração, cansado de bater entre os caprichosos desenganos do mundo.

Nestorio, por sua vez, desembarcado em Óstia, por satisfazer um velho sonho, qual o de conhecer a cidade célebre e poderosa, sentia estranhas comoções a lhe vibrarem no íntimo, como se estivesse a rever lugares amigos e queridos. Guardava a convicção de que o panorama agora desdobrado aos seus olhos ansiosos, era-lhe fa-

miliar, dos mais remotos tempos. Não podia precisar a cronologia de suas recordações, mas conservava a certeza de que, por um processo misterioso, Roma estava inteira na têla de suas mais entranhadas reminiscências.

Naquele mesmo dia, enquanto Alba Lucínia e as filhas se retiravam para a cidade, ao lado de Fábio Cornélio e de sua mulher, Helvidio Lucius tomava lugar ao lado do velho progenitor, encaminhando-se ao perímetro urbano, sem observarem as horas ou as perspectivas suaves do caminho, plenamente mergulhados, como se encontravam, em suas confidências mais íntimas.

Helvidio confiou ao pai todas as impressões que trazia da Asia Menor, rememorando cenas ou evocando carinhosas lembranças, salientando, porém, as suas intensas preocupações morais a respeito da filha, cujos conhecimentos prematuros em materia de religião e filosofia o assombravam, desde que, acidentalmente se dera ao prazer de ouvir os escravos da casa, sobre perigosas superstições da crença nova que invadia os setores do Império, em todas as direções. Esclareceu, assim, ante o delicado e generoso mentor espiritual de sua existencia, toda a situação familiar, apresentando-lhe os pormenores e circunstâncias, em tórno do assunto.

O velho Cneio Lucius, depois de ouvi-lo atentamente, prometeu-lhe auxílio moral, no que se referia á questão, a cuja solução o seu experimentado tirocínio educativo prestaria o mais proveitoso concurso.

Em poucos dias, instalavam-se os nossos amigos na sua magnifica residencia do Palatino, iniciando um novo ciclo de vida citadina.

Helvidio Lucius estava satisfeito com a sua nova posição, salientando-se que, como substituto imediato do sôgro nas funções de Censor, estava-lhe reservado um papél relevante na vida da cidade, sob as vistas generosas do Imperador. Quanto á Alba Lucínia, graças aos seus inatos pendores artisticos, auxiliada por Túllia, transformou as perspectivas da velha propriedade, imprimindo-lhes o gosto da época e edificando em cada recanto um fragmento de harmonia do lar, onde o marido

e as filhas pudessem repousar das largas inquietações da vida.

Desnecessário dizer que, abonada por Túllia, Hatéria foi admitida no lar, impondo-se a todos por sua humildade habilidosa e conquistando dos amos confiança plena, em poucos dias.

Na semana seguinte, a pretexto de repousar algum tempo junto do avô, que a idolatrava, foi Célia conduzida pelos pais á residência do mesmo, na outra margem do Tibre, nas faldas do Aventino.

Cneio Lucius habitava confortavel palacete de apurado estilo romano, em companhia de duas filhas já idosas, que lhe enchiam de afeto a estrelejada noite da velhice.

Recebeu a neta carinhosa, com as mais inequívocas provas de contentamento.

No dia imediato, pela manhã, mandou preparar a liteira particular para, em sua companhia, oferecer um sacrifício no templo de Júpiter Capitolino.

Célia acompanhou-o calma e prazerosa, embora reparasse os olhares expressivos com que o ancião a observava, ansioso, talvez, por lhe identificar os sentimentos mais íntimos.

Cneio Lucius não estacionou tão somente no santuário de Júpiter, dirigindo-se, igualmente, ao templo de Sérapis, onde procurou palestrar com a neta a respeito das mais antigas tradições da família romana. A jóven não lhe contradisse as palavras nem interrompeu a carinhosa preleção, submetendo-se á maior obediência no que se referia á ritualística dos templos, conforme os regulamentos instituídos em Roma pelos padres flamíneos.

A tarde já caía, quando o generoso velhinho deu por terminada a peregrinação através dos edifícios religiosos da cidade. O sól escondia-se no poente, mas Cneio Lucius desejava conhecer toda a intensidade dos novos pensamentos da neta, conduzindo-a, para esse fim, ao altar doméstico, onde se alinhavam as soberbas imagens de marfim dos deuses familiares.

— Célia, minha querida, — disse ele por fim, des-

cançando num largo divã á frente dos ídolos — levei-te hoje aos templos de Júpiter e de Sérapis, onde ofereci sacrifícios em favor da nossa felicidade; mais que a nossa ventura, porém, cara filha, eu desejo a tua propria. Notei que acompanhavas os meus gestos e todavia, não demonstravas uma devoção sincera e ardente. Acaso, trouxeste da provincia alguma idéia nova, contrária ás nossas crenças?!...

Ouviu a palavra do venerando avô, com a alma perdida em profundas eismas. Compreendeu, de relance a situação, e, afeita ás rigorosas tradições da família, adivinhou que seu pai solicitara tal providencia, no intuito de reformar-lhe os pensamentos, bem como as convicções mais íntimas.

— Querido avô — respondeu de olhos humidos, nos quais transparecia uma sublimada inocencia — eu sempre vos amei de toda a minha alma e vós me ensinastes a dizer toda a verdade, em quaisquer circunstâncias.

— Sim — exclamou Cneio Lucius admirado, adivinhando as emoções da adorada criança — estás no meu coração a todos os instantes.

Fala, filhinha, com a maior franqueza! Eu não aprendi outro caminho que o da verdade, junto ás nossas tradições e aos nossos deuses...

— De antemão devo esclarecer-vos que foi certamente meu pai quem vos solicitou a reforma de meus atuais sentimentos religiosos.

O veneravel ancião fez um gesto de espanto em face daquela observação inesperada.

— Sim — continuou a jóven — talvez meu pai não me pudesse compreender inteiramente... Ele jamais poderia ouvir-me satisfatoriamente, sem um protesto enérgico de sua alma; entretanto, eu continuaria a amá-lo sempre, ainda que o seu coração não me entendesse.

— Então, filhinha, por que negaste a Helvidio as tuas mais íntimas confidências?...

— Tentei fazer-lhas um dia, quando ainda nos encontravamos na Judéia, mas compreendi, immediatamente, que meu pai julgaria mal as minhas palavras mais sinceras, percebendo, então que a verdade para ser total-

mente compreendida precisa ser tratada entre corações da mesma idade espiritual.

— Mas, filha, onde colocas, agora, os laços sagrados da família?

— No amor e no respeito com que sempre os cultivei; entretanto, avôzinho, no campo das idéias os élos do sangue nem sempre significam harmonia de opinião entre aqueles que o Céu uniu no instituto familiar. Venerando e estimando a meu pai, no meu afeto filial e no respeito às tradições do seu nome, esposei idéias que ao seu espírito não é possível aderir, por enquanto...

— Mas que queres traduzir por idade espiritual?...

— Que a mocidade e a velhice, quais as vemos no mundo, não podem significar senão expressões de uma vida física que finda com a morte. Não ha moços nem velhos e sim almas jóvenes no raciocínio ou profundamente enriquecidas no campo das experiências humanas.

— Que queres dizer com isso? — perguntou o ancião altamente admirado. — Tens tão vasta leitura dos autores gregos?! Isso é de estranhar, quando teu pai só ha pouco obteve um escravo culto, especialmente destinado a enriquecer a tua e a educação de tua irmã.

— Vovô bem sabe da ânsia de aprender, que sempre me impeliu, desde pequenina. Embora joven, sinto em meu espírito o peso de uma idade milenária. Em todos estes anos de ausencia, na província, gastei todo o tempo disponível em devorar a biblioteca que meu pai não podia levar consigo para as suas atividades na Iduméia.

— Filhinha — exclamou o respeitavel ancião sinceramente consternado — não terias agido á moda dos enfermos que á fôrça de buscarem a virtude de todos os medicamentos ao alcance da mão, acabam lamentavelmente intoxicados?!...

— Não, querido avô, eu não me envenenei. E se tal cousa houvera acontecido, ha mais de dois anos tenho no coração o melhor dos antídotos á influência corrosiva de todos os tóxicos dêste mundo.

— Qual? — interrogou Cneio Lucius sumamente surpreendido.

— Uma crença fervorosa e sincera.

— Colocaste teus pensamentos, neste sentido, sob a invocação dos nossos deuses?...

— Não, querido avô, pesa-me confessar-vos, mas, sinto em vosso íntimo a mesma capacidade de compreensão que vibra em minha alma e devo ser sincera. Os deuses de nossas antigas tradições já me não satisfazem...

— Como assim, querida filha? A que entidade dos céus confias hoje a tua fé sublimada e fervorosa?...

Como se nos seus grandes olhos vibrasse estranha luz, Célia respondeu calmamente.

— Guardo agora a minha fé em Jesus Christo, o Filho de Deus Vivo.

— Decláras-te cristã? — perguntou o velho avô empalidecendo.

— Só me falta o batismo.

— Mas, filha — disse Cneio Lucius emprestando á voz uma doce inflexão de carinho — o cristianismo está em contradicção a todos os nossos princípios, pois elimina todas as noções religiosas e sociais, basilares da nossa concepção de Estado e de Família. Além disso, não sabes que adotar essa doutrina é caminhar para o sacrifício e para a morte?...

— Vovô, apesar dos vossos estudos longos e criteriosos, acredito que não chegastes a conhecer as tradições de Jesus e a claridade suave dos seus ensinamentos. Se tivésseis o conhecimento integral da sua doutrina, se ouvísseis diretamente aqueles que se saturaram da sua fé, teríeis enriquecido ainda mais o tesouro de bondade e compreensão do vosso espírito.

— Mas não se compreende uma idéia tão pura, a encaminhar seus adeptos para a condenação e para o martírio, ha quasi um século.

— Entretanto, avôzinho, ainda não atentastes, talvez, para a circunstância de partir do mundo essa condenação, ao passo que Jesus prometeu as alegrias do seu reino a todos os que sofressem na Terra, por amor ao seu nome.

— Desvairas, minha querida, não pode haver divindade maior que o nosso Júpiter, nem pode existir outro

reino que ultrapasse o nosso Império. Além disso, o profeta nazareno, ao que sou informado, pregou uma fraternidade impossível e uma humildade que nós outros não poderemos compreender.

Pousou sobre a néta os olhos plácidos, cheios de uma claridade misteriosa, sentindo, porém, uma comoção mais intensa ao encontrar os dela serenos, piedosos, transparentes de candura indefinível.

— Avôzinho — continuou a dizer com o olhar abstrato, como se o espírito voejasse em recordações queridas e longínquas — Jesus Christo é o Cordeiro de Deus, que veio arrancar o mundo do êrro e do pecado. Por que não lhe compreendermos os divinos ensinamentos, se temos fome de amor em nossa alma? Aparentemente sou uma jóven e vós um homem velho, para o mundo; no entanto, sinto que nossos pensamentos são gêmeos na sede de conhecimento espiritual...

Da Terra inteira nos chegam clamores de revolta e gritos de batalha... Misturam-se o fêl dos oprimidos e as lágrimas de todos os que padecem na humilhação e no cativeiro!...

— Tendes conhecimento de todos esses tormentos insondáveis que campeiam em todo o mundo! Vossos livros falam das angustias indefiníveis do vosso espírito sensível e carinhoso. Esses brados de sofrimento chegam até aos vossos ouvidos, a todos os momentos!

“Onde estão os nossos deuses de marfim, que não nos salvam da decadência e da ruína?! Onde Júpiter, que não vem ao cenário do mundo para restabelecer o equilíbrio da maravilhosa balança da justiça divina?! Poderemos aceitar um deus frio, impassível, que se compraz em endossar todas as torpezas dos poderosos contra os mais pobres e os mais desgraçados? Será a Providência do Céu igual á de Cesar, para cujo poder o mais diléto é aquele que lhe trás as mais ricas oferendas? Entretanto, Jesus de Nazaré trouxe ao mundo uma nova esperança. Aos orgulhosos, advertiu que todas as vaidades da Terra ficam abandonadas no pórtico de sombras do sepulcro; aos poderosos, deu as lições de renúncia aos bens transitórios do mundo, ensinando que as mais belas

aquisições são as que se constituem das virtudes morais, imperecíveis valores do Céu; exemplificou, em todos os seus atos de luz indispensáveis á nossa edificação espiritual para Deus Todo-Poderoso, Pai de misericórdia infinita, em nome de quem nos trouxe a sua doutrina de amor, com a palavra de vida e redenção.

“Além de tudo, Jesus é a única esperança dos seres desamparados e tristes, da Terra, porquanto, de acôrdo com as suas doces promessas, hão de receber as bem-aventuranças do céu todos os desventurados no mundo, entre as bençãos da simplicidade e da paz, na piedade e na prática do bem.

Cneio Lucius ouvia a néta, em comovido silêncio, sentindo-se tocado de uma inquietação mesclada de encanto, qual a que devesse sentir um filósofo do mundo, que ouvisse as mais ternas revelações da verdade pela boca de um anjo.

A jóven, por sua vez, dando curso ás sagradas inspirações que lhe rociavam a alma, continuou a falar, revolvendo o tesouro de suas lembranças mais gratas ao coração:

— Por muito tempo estivemos em Antipatris, em plena Samária, junto á Galiléia... Alí, a tradição de Jesus ainda está viva em todos os espíritos. Conhecí de perto a geração de quantos foram beneficiados pelas suas mãos misericordiosas. E fiquei conhecendo a história dos leprosos, limpos ao toque do seu amor; dos cegos em cujos olhos mortos fluiu uma vibração nova de vida, em virtude da sua palavra carinhosa e soberana; dos pobres de todos os matizes, que se enriqueceram da sua fé e da sua paz espiritual.

“Nas margens do lago de suas prégações inesquecíveis, pareceu-me ver ainda o sinal luminoso dos seus passos, quando, alma em prece, rogava ao Mestre de Nazaré as suas bençãos dulcificantes!...

— Mas Jesus Nazareno não era um perigoso visionário?” — perguntou Cneio Lucius, profundamente surpreendido. — Não prometia um outro reino, menosprezando as tradições do nosso Império?

— Vovô — respondeu a donzela sem se perturbar

— o Filho de Deus não desejou jamais fundar um reino belicoso e perecível, qual os possuem os povos da Terra. Nem se cansou jamais de esclarecer que o seu reino ainda não é d'êste mundo, antes ensinou, que a sua fundação embasa nas almas que desejem viver longe do torvelinho das paixões terrestres.

“Revolucionária a palavra que abençôa a todos os aflitos e desherdados da sorte? Que manda perdoar o inimigo setenta vezes sete vezes? Que ensina o culto a Deus com o coração, sem a pompa das vaidades humanas? Que recomenda a humildade como penhor de todas as realizações para o céu?... ”

“O Evangelho do Cristo, que tive ocasião de ler em fragmentos de pergaminho, nas mãos dos nossos escravos, é um cantico de sublimadas esperanças no caminho das lágrimas da Terra, em marcha, porém, para as glórias sublimes do Infinito.

O respeitavel ancião esboçou um sorriso complacente, exclamando bondoso:

— Filha, para nós a humildade e o desprendimento são dois postulados desconhecidos. Nossas águias simbólicas jamais poderão descer dos seus postos de domínio e nem os nossos costumes são passíveis de se acomodarem ao perdão, como norma de evolução ou de conquista...

Tuas considerações, porém, interessam-me sobremaneira. Mas dize-me: onde hauriste semelhantes conhecimentos? Como pudeste banhar o espírito nessa nova fé, a ponto de argumentares fervorosamente em desfavôr das nossas tradições mais antigas?... Conta-me tudo com a mesma sinceridade que sempre reconheci no teu caráter!...

— Primeiramente, vim a conhecer os ensinamentos do Evangelho ouvindo, curiosamente, as conversas dos escravos de nossa casa...

Após haver pronunciado essas palavras reticenciosas, Célia pareceu meditar gravemente, como se experimentasse uma dificuldade indefinível para atender aos bons desejos do querido avô, naquelas circunstâncias.

Em seguida, como se travasse consigo mesma um

diálogo silencioso, entre a razão e o sentimento, ruborizou-se, como receosa de expôr toda a verdade:

Cneio Lucius, todavia, identificou-lhe imediatamente a atitude mental, exclamando:

— Fala, filha! Teu velho avô saberá entender o teu coração.

— Direi — respondeu ela ruborizada, dirigindo-lhe os olhos súplices, na sua timidez de menina e moça — Vovô, será pecado amar?!

— Certo que não — respondeu o velhinho, adivinhando um mundo de revelações no inopinado da pergunta.

— E quando se ama a um escravo?

O veneravel patrício sentiu constritiva emoção, em ouvindo a penosa revelação da néta adorada; respondeu contudo, sem hesitar:

— Filhinha, estamos muito distantes da sociedade em que a filha de um patrício possa unir seu destino ao de algum dos seus servos.

“Todavia — acrescentou depois de ligeira pausa — chegaste a querer tanto a um homem sujeito a tão dolorosas circunstâncias?

Mas, vendo que os olhos da jóven se humedeciam e adivinhando-lhe as comoções penosas e constrangedoras em face daquelas confidências, atraíu-a num beijo, de encontro ao coração, murmurando-lhe ao ouvido em tom carinhoso:

— Não temas os julgamentos do avôzinho, inteiramente devotado ao teu bem-estar. Revela-me tudo sem omitir detalhe algum da verdade, por mais dolorosa que ela seja. Saberei compreender a tua alma, acima de tudo. Ainda que as tuas aspirações amorosas e os teus sonhos aureos de menina hajam pousado no sêr mais abjêto e desprezível, não te amarei menos por isso, e, confiando em ti mesma, saberei respeitar a tua dor e a tua dedicação!

Confortada com aquelas palavras, que deixavam transparecer generosidade e sinceridade absolutas, Célia prosseguiu:

— Faz dois anos que papai nos levou em uma de

suas excursões encantadoras, pelo lago extenso, na região onde possuímos a nossa casa. Além de mim, da mamãe e da Helvídia, ia conosco um jóven escravo adquirido na véspera e o qual, em vista da sua perícia nos remos, auxiliava a tarefa de abrir caminho ao longo das águas.

“Ciro, chama-se esse escravo de vinte anos, que a vontade do Céu deliberou fôsse parar em nossa casa.

“Iamos todos alegres, observando a linha do horizonte e o recorte das nuvens no claro espelho das águas marulhantes.

“De vez em quando, Ciro me dirigia o olhar lúcido e calmo, que me produzia uma emoção cada vez mais intensa e indefinível.

“Quem poderá explicar êsse mistério santo da vida? Dentro dêsse divino segredo do coração, basta, às vezes, um gesto, uma palavra, um olhar, para que o espírito se algeme a outro para sempre...

Fez uma pausa na exposição de suas reminiscências, e observando-lhe a emotividade a desbordar dos olhos humidos, Cneio Lucius animou-a:

— Continúa, filhinha. Faço questão de ouvir e sentir a tua história toda.

— Nosso passeio — prosseguiu ela com os olhos dalma mergulhados no painel de suas mais íntimas recordações — corria sereno e sem tropeços, quando, em dado instante levantou-se uma onda larga, impelida pelo vento forte. Um abalo mais violento, justamente no ponto onde me instalara, quando, absorta nos meus pensamentos, caí de borco no seio espesso das águas...

“Ainda ouví os primeiros gritos de mamãe e da irmãzinha, supondo-me perdida para sempre; mas, quando me debatia, inutilmente para vencer o peso enorme que me oprimia o peito, sob a massa líquida, sentí que dois braços vigorosos me arrancavam do fundo lodoso do lago, trazendo-me á tona, mercê de um desesperado e imenso esforço.

“Era Ciro que me salvara da morte, com o seu espírito de sacrifício e lealdade, conquistando com esse ato espontâneo a gratidão sem limites de meu pai, e de todos nós um reconhecimento carinhoso e sincero.

“No dia imediato, meu pai concedeu-lhe a liberdade, muito comovido pelos sucessos da véspera.

“No instante da sua emancipação, o jóven liberto beijou-nos as mãos com os olhos húmidos, na sua gratidão profunda e sincera, conservando-o meu pai em nossa casa, como serviçal prestimoso e livre, quasi um amigo, se outras fôsem as condições do seu nascimento.

“Ciro, porém, não me conquistou sómente gratidão e estima a toda prova, como também o meu afêto dalma, espontâneo e profundo.

“Em tardes serenas e claras, sob as arvores do pomar, contou-me a sua história singular, cheia de episódios interessantes e comovedores.

“Em tenra idade vendido a um rico senhor que o conduziu desde logo ao país do Ganges — terra misteriosa e incompreensível para os romanos — ali teve occasião de conhecer os princípios populares de consoladoras filosofias religiosas.

“Nessa região do Oriente, cheia de segredos confortadores, êle aprendeu que a alma não tem apenas uma existencia, mas vidas numerosas, mediante as quais adquire novas faculdades, purificando-se ao mesmo tempo dos erros passados, em outros corpos, ou redimindo-se das aflições, no doloroso resgate dos crimes ou desvios do seu passado.

“Todavia, após a aquisição dêsses conhecimentos, foi levado á Palestina, onde se saturou dos ensinios cristãos, tornando-se adepto fervoroso do Messias de Nazaré!...

“Então, era de ver-se como a sua palavra se impregnava de inspiração divina e luminosa!... Apaixonado pelas idéias generosas que trouxera do ambiente religioso da India, acêrca-dos formosos princípios da reencarnação, sabia interpretar com simplicidade e clareza de raciocínio, para mim, muitas passagens evangélicas, algo obscuras para o meu entendimento, qual aquela em que Jesus afirma que “ninguem poderá atingir o reino do Céu sem renascer de novo”!...

“Fôsse ao crepúsculo langoroso da Palestina, fôsse ao luar caricioso das suas noites estreladas, quando descansava das fadigas do trabalho diuturno, falava-me êle

das ciências da vida e da morte, das cousas da Terra e do Céu, com os dons divinos da sua inteligência, mandando o meu espírito suspenso entre as emoções da vida física e as gloriosas esperanças da vida espiritual.

Enlevada pela doce carícia de suas expressões e gestos de ternura, afigurava-se-me êle a alma gêmea do meu destino, reservada por Deus a me estimar e compreender, desde as vidas mais remotas.

“Durante um ano a vida nos correu em mar de rosas, porque nos amavamos intensamente. Em nossos idílios calmos, falavamos de Jesus e de suas glórias divinas, e, quando lhe suscitava a possibilidade da nossa união á face dêste mundo, Ciro ensinava-me que deveríamos esperar a felicidade no reino do Senhor, alegando que, na Terra, não era ainda possível um matrimonio feliz, entre um escravo miseravel e uma jóven patricia.

“Por vezes, entristecia-me com as suas palavras despidas de esperanças terrenas, mas as suas inspirações eram tão elevadas e tão puras que, num relance, sabia o seu coração levantar o meu para as jornadas da fé, que levam a tudo esperar, não da Terra ou dos homens, mas do Céu e do amor infinito de Deus.

O valoroso ancião tudo ouvia, sem um reproche, embora a sua attitude mental se caracterizasse pela mais funda consternação.

Observando que a néta fizera uma pausa na encantadora e triste narrativa, Cneio Lucius interrogou-a com benevolencia:

— Qual a attitude dêsse rapaz para com teu pai?

— Ciro admirava-lhe a generosidade franca e espontânea, revelando no íntimo a mais santa gratidão pelo seu ato de fraternidade, quando o alforriou para sempre. A todo proposito, ensinava-me a respeitá-lo cada vez mais e a lhe realçar as qualidades mais elevadas; falava-me, constantemente de suas attitudes generosas, com entusiasmo, admirando-lhe a dedicação ao trabalho e a singular energia.

— E Helvídio nunca soube do teu amor? — perguntou o avô admirado.

— Soube, sim — respondeu Célia humildemente.

— Contar-vos-ei tudo, sem omitir um só detalhe.

Em nossa casa havia um chefe de serviço, que dirigia as atividades de todos os servos da família. Pausânias era um coração amigo do escândalo e nada sincero. Meu pai, atendendo á necessidade de viajar constantemente, conservava-o quasi como mandatário de sua vontade, em função dos seus numerosos interesses e Pausânias, muita vez, abusou dessa confiança generosa para estabelecer a discordia em nosso lar.

“Observando a minha intimidade com o jóven liberto, cujos dotes morais tão fortemente me haviam impressionado o coração, esperou, certa feita, o regresso de meu pai, de uma viagem á Iduméia, envenenando-lhe então o espírito com insinuações caluniosas da minha conduta.

— E que fez Helvídio? — interrogou o velhinho bruscamente, cortando-lhe a palavra, como se adivinhasse o desenrolar de todas as cenas ocorridas á distância.

— Repreendeu minha mãe, ásperamente, inculcando-a e chamou-me á sua presença, de maneira que lhe recebesse as admoestações e conselhos necessários, sem, contudo permitir que lhe expusesse tudo, com a sinceridade e franqueza com que o faço agora.

— E quanto ao liberto?... — perguntou Cneio Lucius ansioso por conhecer o desfêcho do caso.

— Mandou colocá-lo a ferros, ordenando a Pausânias lhe applicasse a punição que julgasse necessária e conveniente.

Atado ao tronco, Ciro foi açoitado várias vezes, pelo crime de me haver ensinado a amar pelo coração e pelo espírito com o mais carinhoso respeito a todas as tradições do mundo e da família, no altar do devotamento silencioso e do sacrifício espiritual.

No segundo dia de seus indiziveis padecimentos, consegui avistá-lo, apesar da vigilância extrema que todos resolveram exercer sôbre os meus passos.

“Como nos dias de nossa tranquillidade feliz, Ciro recebeu-me com um sorriso de ventura, acrescentando que eu não deveria alimentar nenhum sentimento de amargor pela decisão de meu pai, considerando que o

seu espírito era bom e generoso e que se não podíamos quebrar preconceitos milenários da Terra, nem por isso deveríamos dar guarida a pensamentos de ingratidão.

“O sofrimento, porém, prosseguia a jóven, enxugando as lágrimas de suas reminiscências — era dilacerante para a minha alma.

Reconhecendo a situação penosa daquele que polarizava todas as minhas esperanças, cheguei a maldizer sinceramente da minha posição de afortunada. Que me valiam os mimos da família e as prerrogativas do nome que me felicitava, se a alma gêmea do meu destino estava encarcerada em pavorosa noite de sofrimentos?...

Expús-lhe, então, minha tortura íntima e os meus amargurados pensamentos. Ciro ouviu-me com resignação e brandura, respondendo-me, depois, que ambos tínhamos um modelo e um mestre que não eram deste mundo, e que o Salvador nos guardaria no Céu um ninho de ventura, se soubessemos sofrer com resignação e simplicidade, á maneira dos bem-aventurados de sua palavra sábia e doce. Acrescentou que Cristo também amara muito e, entretanto, perlustrou os caminhos da incompreensão terrestre, sózinho e abandonado; se éramos vítimas de um preconceito ou de perseguições, tais sofrimentos deviam ser justos, por certo, dados os desvios do nosso passado espiritual, de éras pristinas e acrescentando que Jesus se sacrificara pela humanidade inteira, embora de coração imaculado como o lírio, e manso como cordeiro.

“Que valem nossos sofrimentos comparados aos d’Ele, no alto da cruz da impiedade e da cegueira humanas? — dizia-me valorosamente. — Célia, minha querida, levanta os olhos para Jesus e caminha!... Quem melhor que nós poderá compreender êsse doce mistério do amor pelo sacrifício?... Sabemos que os mais felizes não são os que dominam e gozam neste mundo, mas, os que compreendem os designios divinos, preticando-os na vida, ainda que nos pareçam as criaturas mais desprezíveis e mais desventuradas... Além disso, querida, para os que se amam pelos laços sacrossantos da alma, não existem preconceitos nem obstáculos, no espaço e no tem-

po. Amar-nos-emos, assim, constantemente, esperando a luz do reino do Senhor. Sôa, agora, o penoso instante da separação, mas, aquí ou além, estarás sempre viva em meu peito, porque hei de amar-te toda a vida, como o vérme desprezado que recebeu o suave sorriso de uma estrêla... Poderão, acaso, separar-se os que caminham com Jesus através das névoas da existência material? Não prometeu o Mestre o seu reino ditoso a quantos sofressem de olhos voltados para o amor infinito do seu coração? Sejamos conformados e tenhamos coragem!... Além dêstes espinhais, desdobram-se estradas floridas, onde repousaremos um dia sob a luz do Ilimitado. Se sofremos agora, deve haver uma causa justa, oriunda de tenebroso passado, em sucessivas existencias terrenas. Mas a vida real não é esta e sim a que viveremos amanhã, no ilimitado plano da espiritualidade radiosa!...

"Enquanto as suas expressões consoladoras me retemperavam o animo combalido, via-lhe o rosto macerado e os cabelos empastados de copioso suor, que me deixavam entrever um sofrimento físico martirizante e infinito.

"Embora a sua palidez extrema, Ciro me sorria e confortava. Sua lição de paciencia e fé enbalsamou-me o coração e aquela corajosa serenidade deveria constituir, para mim, precioso incitamento á fortaleza moral, em face das provas.

"Consolei-o, então, do melhor modo, testemunhando-lhe minha compreensão funda e sincera, quanto ao sentido daquelas palavras de bondade e ensinamento, compreensão que eu guardaria no imo, para sempre.

"Prometemo-nos, reciprocamente, a mais absoluta calma e confiança em Jesus, bem como eterna fidelidade neste mundo, para nos unirmos, um dia, nos céus.

"Terminados os rápidos minutos que consegui para da minha fé, enxugando corajosamente as proprias lagrimas.

falar ao encarcerado, reconstituí as energias interiores

"Procurei minha mãe, implorei a sua intercessão afetuosa, de modo a cessarem as cruéis punições que Pausânias impusera ao bem amado de minha alma, dando-

lhe ciência dos quadros penosos que presenciara.

“Ela comoveu-se profundamente com a minha narrativa e obteve de meu pai a ordem para que Ciro fôsse libertado, sob certas condições, que, apesar de penosas, constituíram para mim um brando alívio!

— Que condições? — perguntou Cneio Lucius admirado, ante o romance comovedor da neta, cujos dezoito anos atestavam a mais profunda intensidade de sofrimento.

— Meu pai acedeu, sob a condição de que não mais avistasse o jôven liberto para qualquer despedida, providenciando, na mesma noite, para que êle fôsse, escoltado por dois escravos de confiança, até Cesaréia, em cujo porto deveria ser internado numa galera romana, desterrado a critério dos que a comandavam!...

— E chegaste, filha, a alimentar algum rancor contra Helvídio, em face da sua atitude?

— Não — respondeu com espontânea sinceridade — se tivesse de alimentar qualquer rancor, seria contra o meu proprio destino.

Aliás, Ciro ensinava-me sempre que não podem caminhar para Jesus aqueles que não honrarem pai e mãe, de acôrdo com os preceitos divinos.

Cneio Lucius encontrava-se eminentemente surpreso. Quando Helvídio lhe solicitara a intervenção moral junto da neta, longe estava de presumir tão doloroso romance de amor num coração de dezoito anos, cheio de juventude e de piedade. Seu espírito, que conhecia o vírus destruidor que operava a decadência da sociedade mergulhada num abismo de sombras, extasiava-se com aquela narrativa simples de um amor doce e cristão, que aguardava, pacientemente, o céu para todas as suas realizações divinas. Nenhuma voz da mocidade ainda lhe falara, assim, com tanta pureza á flor dos lábios.

Admirado e enternecido, descançou a face enrugada na mão direita meio trêmula, entregando-se á uma longa pausa para coordenar idéias.

Ao cabo de alguns minutos, notando que a neta aguardava ansiosa a sua palavra, perguntou com a mesma benevolencia:

— Minha filha, êsse jóven escravo jamais abusou da tua confiança ou da tua inocência?

Ela fixou nele os olhos serenos, em cujo fulgor cristalino podiam ler-se uma candidez e sinceridade a toda prova, exclamando sem hesitar:

— Nunca! Jamais Ciro permitiu que os meus proprios sentimentos pudessem tisnar-se de qualquer tendencia menos digna. Para demonstrar-vos a elevação de seus pensamentos, quero contar-vos que, um dia, quando conversavamos á sombra de velha oliveira, notei que sua mão pousara levemente em meus cabelos, mas, no mesmo instante, como se nossos corações se deixassem levar por outros impulsos, retirou-a, dizendo-me comovido: — “Célia, minha querida, perdôa-me. Não guardemos qualquer emoção que nos faça participar das inquietações do mundo, porque, um dia nos beijaremos no céu, onde os clamores da malícia humana não poderão atingir-nos.

Cneio Lucius contemplou de frente a néta, cuja sinceridade diamantina lhe irradiava dos olhos cândidos e valorosos, exclamando:

— Sim, filha, o homem a que te consagraste possui um coração generoso e diferente do que se poderia presumir no peito de um escravo, ao inspirar-te um amor tão distante das concepções da mocidade atual.

E acentuando as palavras, como se quisesse imprimir-lhes uma nova fôrça, com vistas a si mesmo, continuou após ligeira pausa:

— Além disso, essa nova doutrina, qual a aceitaste, deve conter uma essência profunda, dado o maravilhoso elixir de esperança que distila nas almas sofredoras. Acredito, agora, que Helvídio não sondou bastante o assunto para conhecer a questão nas suas facetas numerosas.

— É verdade, avô — respondeu confortada, como se houvesse encontrado um bálsamo para as suas feridas mais íntimas — meu pai, a princípio, não receava que analisassemos os estudos evangélicos, considerando-os perigosos; sómente depois das intrigas de Pausânias, supôs que as doutrinas do Cristo me houvessem acarretado qual-

quer deficiência mental, em virtude da minha inclinação pelo jóven liberto.

— Sim, teu pai não poderia entender um sentimento dessa natureza, no teu espírito de moça afortunada.

Mas, ouve: já que me falaste com uma ponderação que não admite reprovações ou corretivos, quais são as tuas perspectivas de futuro? Sobre tua irmã, teus pais já me falaram dos planos assentados. Daquí a alguns meses, depois de completar a sua educação, na actualidade romana, Helvídia esposará Caio Fabricius, cuja afeição a conduzirá a um dos postos de maior relêvo social, de acôrdo com os nossos méritos familiares. Mas, a teu respeito? Perseverarás, porventura, nesses sentimentos?!...

— Meu avô — respondeu com humildade — Caio Fabricius com os seus trinta e cinco anos maturados, cheio de delicadeza e generosidade, ha-de fazer a ventura de minha irmã, que bem o merece!... Perante Deus, Helvídia fez jús ás sagradas alegrias da constituição de um lar e de uma família. Junto do seu coração pulsará um outro, que lhe enfeitará a existência de mimos e ternuras...

Quanto a mim, pressinto que não obterei a felicidade como a sonhamos nesta vida!

Desde a infancia, tenho sido triste e amiga da meditação, como se a misericórdia de Jesus estivesse a preparar-me, em todos os ensejos, para não faltar aos meus deveres espirituais no instante oportuno.

E fixando no ancião o olhar percuciente e calmo, prosseguia:

— Sinto pesar-me no coração muitos séculos de angústia... Devo ser um espírito muito culpado, que vem a este mundo de maneira a remir-se de passados tenebrosos!...

Desde a Palestina, minhas noites estão povoadas de sonhos estranhos e comovedores, nos quais oíço vozes carinhosas que me exortam á submissão e ao sacrifício.

Acusada de cristã no seio da família, sinto que todos os meus carinhos ficam sem retribuição e todas as minhas palavras afetuosas morrem sem éco! Dou-me, porém, por imensamente venturosa em acreditar que o vosso cora-

ção vibra com o meu, compreendendo-me as intenções e os pensamentos.

Como se lobrigasse melancolicamente o caminho de sombras do porvir, desdobrado ante os olhos espirituais, Célia continuou a falar para o coração enternecido do velho avô que a idolatrava:

— Sim!... nos meus sonhos proféticos, tenho visto uma cruz a que me devo abraçar, com resignação e humildade!... Experimento no coração um peso enorme, avôzinho!... Por vezes inúmeras, vislumbro á minha frente quadros penosos, que devem radicar nas minhas existências pregressas. Pressinto que nasci neste mundo para resgatar e redimir-me. Quando óro e medito, chegam-me ao raciocínio as ponderações da alma ansiosa!... Não devo aguardar primaveras risonhas nem flores de ilusão, que me fariam esquecer a via dolorosa do espírito, destinado á redenção; mas, sim invernias de dor e provas ríspidas, em dias de lutas ásperas, que me hão de reconduzir á Jesus com a divina claridade da experiência!...

Cneio Lucius tinha os olhos molhados de lágrimas, ante as palavras comovedoras da néta, que, desde criança lhe conquistara a adoração.

— Filha — exclamou com bondade — não posso compreender tamanho desalento num coração da tua idade. O nome de nossa família não permitirá tal abandono de ti mesma...

— Entretanto, caro avô, não desdenharei a realidade dolorosa do sacrifício, sabendo, de antemão, que a sua taça me está reservada...

— E nada esperas da Terra no que se refere á possível felicidade dêste mundo?!...

— A felicidade não pode estar onde a colocamos, com a nossa cegueira terrestre, mas no compreendermos a Vontade Divina, que saberá localizar a ventura para nós, como e quando oportuna. Não temos uma só vida. Teremos muitas. O segredo da alegria reside em nossa realização para Deus, através do Infinito. De etape em etape, de experiencia em experiencia, nossa alma caminhará para as glórias supremas da espiritualidade, como

se fizéssemos a laboriosa ascensão de uma escada rude e longa... Amar-nos-emos sempre, meu avô, através dessas existências numerosas. Elas serão como anéis na cadeia de nossa união ditosa e indestrutível. Então, mais tarde, vereis que a vossa neta, dentro da sua realidade espiritual, se encontrará convosco, com a mesma compreensão e com o mesmo amor imperecível, na região da felicidade real que a morte nos descerrará, com os seus sepulcros de cinzas dolorosas!...

“Atualmente, aos vossos olhos, serei, talvez, sempre triste e desventurada; mas, no íntimo guardo a certeza de que as minhas dores constituem o preço da minha redenção para a luz da Eternidade.

“Segundo me falam os augúrios do coração em suas vozes silenciosas e secretas, não terei um lar constituído, especialmente, para a minha ventura nesta vida!... Viverei incompreendida, de coração dilacerado no caminho acerbo das lágrimas remissoras! O sacrifício porém será suave, porque na sua exaltação sinto que encontrarei a estrada luminosa para o reino da Verdade e do Amor, que Jesus prometeu a todos os corações que confiassem no seu nome e na sua misericórdia bendita!

Os olhos de Célia elevaram-se para o Alto, como se o espírito aguardasse, ali mesmo, junto do velho avô as graças divinas, vislumbradas pela sua crença cheia de luminosidade e de esperança.

Cneio Lucius, todavia, aconchegou-a de mansinho ao coração, como se o fizesse á uma criança, falando-lhe com acentuada ternura:

— Filhinha, estás cansada! Não te justifiques por mais tempo. Conversarei com Helvécio a respeito dos teus mais íntimos pensamentos, elucidarei a tua situação perante o seu conceito.

E chamando Márcia, a filha mais velha, que representava junto da sua velhice confortada o papel de anjo tutelar e carinhoso, o respeitável patrício acentuou:

— Márcia, nossa pequena Célia precisa de tranquilidade e repouso físico. Conduze-la ao teu quarto e fá-la descansar.

A neta beijou-lhe ternamente a fronte, retirando-se

com a tia, amavel e generosa, que quasi a tomou nos braços, conduzindo-a para o interior.

A noite ia já adiantada, enchendo o céu romano de caprichosas fulgurações.

Cneio Lucius, absorto em profundos cismares, abismou-se num mar de conjecturas.

Seu velho coração estava exausto de palpitar, na incompreensão dos arcanos do mundo. Também fôra jovem e também nutrira sonhos. Na juventude longínqua, muita vez aniquilara as aspirações mais nobres e os propositos mais generosos, ao tumultuoso embate das paixões materializadas e violentas.

Sómente as brisas cariciosas da reflexão, na idade madura lhe haviam sazornado as concepções espirituais, a caminho de uma compreensão cada vez maior da vida e de suas leis profundas.

Desde que se habituara a meditar sinceramente, assombravam-lhe o espírito os fantasmas da dor e os espantosos contrastes dos destinos humanos. Apesar de arraigado ás tradições mais puras dos antepassados e não obstante havê-las transmitido, com fidelidade e amor, aos descendentes, seu coração não podia aceitar toda a verdade divina encarnada em Júpiter, simbolo antigo que consubstanciava todas as velhas crenças.

Desejoso de propinar uma lição áquela eriança, na sua freima educativa, fôra o seu espírito que se abalara e comovera ante as novas concepções que lhe provinham dos labios puros de um anjo. Elle, que se acostumara a investigar as causas profundas da dor e a sentir os padecimentos de quantos soluçavam no cativeiro, acabava de receber uma chave maravilhosa para solucionar os caprichosos enigmas do destino. A visão das existencias successivas, a lei das compensações, as estradas do resgate espiritual pela expiação e pelo sofrimento, eram agora rasgadas ao seu raciocínio, como soluções providenciais.

Sua cultura dos autores gregos fazia-lhe sentir que o assunto não lhe era totalmente estranho, mas a palavra carinhosa e convincente da néta testemunhando-lhe

a verdade com os seus próprios padecimentos prematuros, abriam-lhe á mente uma senda nova para todas as cogitações nesse sentido.

Reclinado no divã da ara doméstica, seus olhos contemplaram a imagem soberba de Júpiter Stator, talhada em marfim, no centro dos outros deuses de sua família e de sua casa, com o coração tomado de angustia.

Levantou-se e andou pesadamente, em tórno dos nichos adornados de luzes e flores

A imagem de Júpiter já lhe não despertava os mesmos sentimentos de piedosa veneração, como nas noites anteriores.

Ante as revelações suaves e profundas de Célia, experimentava no íntimo a amargurosa suspeita de que todos os deuses dos seus ascendentes respeitaveis estavam rolando dos altares, confundindo-se no torvelinho de desilusões das velhas crenças. De alma oprimida, o patrício venerando observava que novas equações filosóficas e religiosas apossavam-se, precipitadamente, do seu coração... Em seguida, receoso e aturdido, Cneio Lucius escutava no íntimo o doce rumor de uns passos divinos... Parecia-lhe que a figura suave e enérgica do profeta de Nazaré, cuja filosofia de perdão e de amor conhecia através das pregações então correntes, surgia no mundo para estilhaçar todos os ídolos de pedra a assenhorear-se do coração humano para sempre!...

O respeitavel ancião, se era amigo da verdade, não o era menos do sagrado depósito das tradições austeras

No compartimento consagrado ás divindades do lar, sentiu que o ambiente lhe asfixiava o coração e o raciocínio. Instintivamente, abriu uma das amplas janelas mais próximas, por onde o ar da noite penetrou em rajadas, refrescando-lhe a fronte atormentada.

Debruçou-se para contemplar a cidade quasi adormecida. Sua conversa com a neta pareceu-lhe haver durado um tempo indefinido, tão grande fôra o efeito das suas asserções profundas e empolgantes...

De olhos humidos, contemplou o curso do Tibre em toda a paisagem que o olhar abrangia, descansando o

pensamento abatido nos efeitos de luz que a claridade lunar operava caprichosamente sôbre as aguas.

Por quantas horas contemplou as constelações fulgurantes, sondando os mistérios divinos do firmamento?

Sómente muito depois, aos alhores da madrugada, a voz cariciosa de Márcia veio despertá-lo de suas cogitações graves e intensas, convidando-o a recolher-se.

Cneio Lucius dirigiu-se, então, para o quarto, a passos vagarosos, a fronte vincada de angústia, olhos fundos e tristes, como alguém que houvesse chorado amargamente.

III

SOMBRAS DOMÉSTICAS

A vida dos nossos personagens, em Roma, reiniciou-se sem grandes acontecimentos nem surpresas.

Helvidio Lucius, apesar do amor á província, experimentava a agradável sensação de haver voltado ao antigo ambiente, a ocupar um cargo mais elevado, no qual haveria de enriquecer, sobremaneira, os valores de sua vocação política ao serviço do Estado.

Concedendo liberdade a Nestório, fizera questão de admiti-lo nos trabalhos do seu cargo e da sua casa, como cidadão culto e independente, que era.

Foi assim que o antigo escravo, alugando um cômodo de habitação coletiva nas imediações da Porta Salaria, tornou-se professor de suas filhas e auxiliar de trabalho, durante oito horas diárias, com vencimentos regulares.

Fóra disso, o liberto ficava inteiramente livre para cuidar dos seus interesses particulares.

E soube aproveitar essas folgas, valendo-se da oportunidade para consolidar a melhora de situação. Assim é que, á noite, ensinava primeiras letras a discípulos humildes, que lhe contratavam os serviços, facultando-se um vasto campo de relações e dando expansão aos seus